



I

A GALDÉRIA E O SOLDADO

(Fim da tardinha. Uma ponte sobre o Danúbio. O Soldado entra a assobiar, a caminho do quartel.)



GALDÉRIA: Anda cá, meu anjo lindo. (*O Soldado volta-se, mas segue caminho.*) Não queres vir?

SOLDADO: Ah, anjo lindo é pra mim?

GALDÉRIA: Pois claro, pra quem havia de ser? Anda, vem lá comigo! Moro mesmo aqui ao lado.

SOLDADO: Não dá. Tenho de voltar prò quartel.

GALDÉRIA: Tens tempo de ir prò quartel. A minha casa é melhor.

SOLDADO (*aproxima-se dela*): Se calhar, é mesmo.

GALDÉRIA: Chiu. Pode vir um chui quando menos se espera.

SOLDADO: Deixa-me rir! Um chui! Pra que é a minha baioneta?

GALDÉRIA: Vá, anda comigo.

SOLDADO: Deixa-me em paz. Não tenho tusto.

GALDÉRIA: Eu não preciso de dinheiro.

SOLDADO (*não se mexe, estão ambos debaixo de um lampião*): Não precisas? Mas afinal o que é que tu és?

GALDÉRIA: Quem me paga são os civis. Para um como tu é sempre de graça.

SOLDADO: Bem, às tantas, deves ser aquela de quem o Huber me falou...

GALDÉRIA: Não conheço nenhum Huber.

SOLDADO: És tu, és mesmo. Sabes, aquele café na rua do porto... lá é que ele te encontrou e foi pra tua casa contigo.

GALDÉRIA: Ora, desse café já trouxe muitos pra casa, mesmo muitos... oh, oh!

SOLDADO: Pronto, então, vamos lá, vamos lá.

GALDÉRIA: Ei, está-te a dar a pressa agora?

SOLDADO: Ora, de que é serve esperar? Tenho de estar no quartel às dez.

GALDÉRIA: Há quanto tempo estás na tropa?

SOLDADO: Que é que te interessa? Moras longe?

GALDÉRIA: Dez minutos à pata.

SOLDADO: Pra mim é longe de mais. Dá-me um chocho.

GALDÉRIA (*beijando-o*): É do que mais gosto, quando gosto de um tipo!

SOLDADO: Eu não. Não, não vou contigo, é longe de mais.

GALDÉRIA: Já sei; volta amanhã à tarde.

SOLDADO: Boa. Dá-me a tua morada.

GALDÉRIA: Mas, estou mesmo a ver, no fim, não vais aparecer.

SOLDADO: Se eu te estou a dizer!

GALDÉRIA: Sabes uma coisa...? Se é longe de mais para vires a minha casa hoje à noite, que tal ali... ali? (*Aponta para o Danúbio.*)

SOLDADO: Que é que há lá?

GALDÉRIA: Ali tem mesmo pinta, e é sossegado... A estas horas não há ninguém.

SOLDADO: Oh, assim não é como deve ser.

GALDÉRIA: Comigo é sempre como deve ser. Anda, fica comigo.

Amanhã, quem sabe se ainda estamos vivos!

SOLDADO: Está bem, pronto — mas depressa!

GALDÉRIA: Mas cuidado, que isto aqui é muito escuro. Quem es-
correga só pára no Danúbio.

SOLDADO: Talvez fosse o melhor.

GALDÉRIA: Pst, espera só um bocadinho. Estamos a chegar a um banco.

SOLDADO: Conheces os cantos à casa.

GALDÉRIA: Um como tu é que eu qu'ria pra namorado.

SOLDADO: Eu não te dava descanso!

GALDÉRIA: Descansa que eu cansava-te.

SOLDADO: Ah...

GALDÉRIA: Fala mais baixo. De vez em quando anda um guarda perdido por aqui. Quem há-de dizer que a gente estamos mesmo no meio da cidade?

SOLDADO: Anda cá, anda...

GALDÉRIA: Mas que é que te deu, se escorregamos, vamos parar à água.

SOLDADO (*agarrando-a*): Ai, minha...

GALDÉRIA: Agarra-te bem.

SOLDADO: Não te aflijas...

* * *

GALDÉRIA: Devíamos ter ido prò banco.

SOLDADO: Aqui ou acolá... Bem, agora vamos pôr-nos na alheta.

GALDÉRIA: Que pressa é essa...?

SOLDADO: Tenho de voltar prò quartel. Já estou atrasado.

GALDÉRIA: Como é que te chamas afinal?

SOLDADO: Que é que te interessa como é que eu me chamo?

GALDÉRIA: Eu chamo-me Leocadia.

SOLDADO: Ah! Nunca ouvi falar nesse nome.

GALDÉRIA: Ouve...

SOLDADO: Que é que queres agora?

GALDÉRIA: Podias dar-me uns trocados prò porteiro, ao menos!

SOLDADO: Ah!... Tenho cara de otário?... 'Té à vista, Leocadia!...

GALDÉRIA: Vagabundo! Unhas-de-fome! (*Ele já desapareceu.*)



II

O SOLDADO E A CRIADA

(O Prater. Domingo à noite. Um caminho que leva do Parque de Diversões às alamedas escuras. Ainda se ouve a música confusa do Parque de Diversões, e os sons de uma polca tocada por instrumentos de sopro.)

